

Vilém Flusser

Da raiva

A. Portmann¹ lança, em “Biologie und Geist“ (Biologia e Espírito) um problema perturbador, intimamente ligado ao conjunto dos problemas das estruturas abertas e fechadas, e da relação entre gênese e estrutura. O problema é proposto por Portmann em contexto ligeiramente diferente daquele que será focado no presente artigo. É o que sempre acontece: os grandes pensadores são grandes não apenas pelo que dizem, mas também pelo que sugerem. O problema é este:

A doença da raiva, (Rabies Canina ou Lyssa) tem, do ponto de vista do paciente (por exemplo: humano), o seguinte desenvolvimento. Um cachorro raivoso abre uma ferida sangrenta que recebe a saliva do animal, portadora de um vírus. O vírus migra ao longo dos nervos expostos na ferida até alcançar o cérebro, aonde se propaga. No cérebro provoca as seguintes alterações seletivas do comportamento humano: aumenta a agressividade, cria uma tendência de morder, provoca uma inclinação para perambular inquietamente, aumenta a secreção de saliva, dificulta os movimentos do esôfago até impossibilitar que algo seja engolido, e provoca uma aversão a líquidos (hidrofobia). As alterações do comportamento são resultadas da ação do vírus sobre centros cerebrais rigorosamente selecionados. Simultaneamente parte do vírus, migra periféricamente até as glândulas de saliva, aonde é armazenado. No curso "natural" da doença o paciente, motivado pelas alterações do comportamento, morde outro mamífero, depois seus músculos são paralisados progressivamente, e o paciente morre.

Os sintomas enumerados são caóticos do ponto de vista do paciente humano. Por exemplo: não há relação óbvia, dentro da estrutura humana, entre a perambulação inquieta e a aversão a água. Mas do ponto de vista do vírus formam os sintomas uma estrutura perfeitamente coerente que visa a preservação e propagação do vírus. Todos eles têm por "finalidade" permitir transmissão do vírus de um portador a outro, dentro do qual o ciclo vital do vírus possa repetir-se.

Do ponto de vista estrutural o vírus é muito inferior ao homem, desde que o critério da hierarquia de estruturas seja sua complexidade. Com efeito: o vírus é tido por forma mais primária de vida, (tão primária que alguns se recusam a considerá-lo autenticamente vivo), e o homem é tido por forma mais adiantada da vida. "Adiantada", mas não "evoluída". Porque de um ponto de vista genético o vírus da raiva é mais evoluído que o homem, já que a existência desse vírus pressupõe a existência de mamíferos como o é o homem. Se "evolução" é a medida cronológica do surgir de formas, o vírus da raiva é mais evoluído que o homem.

¹ Adolf Portmann, *Biologie und Geist*. Rhein-Verlag AG, Zürich 1956. Portmann (1897-1982) foi um zoólogo suíço.

Mas com que direito podemos dizer que a estrutura do homem é mais adiantada, e a do vírus mais primitiva? Com o direito da observação maicroscópica e microscópica dos dois organismos. Este tipo de comparação mostrará uma relativa complexidade na estrutura humana, e uma relativa simplicidade na estrutura do vírus. Mas o exemplo da raiva sugere que deve haver, no vírus, uma camada submicroscópica de estrutura, e que deve ser de grande complexidade. Uma complexidade que permite ao vírus selecionar, por exemplo, os centros nervosos e cerebrais no homem que são exatamente apropriados aos "propósitos" do vírus. Com efeito, a complexidade dessa camada estrutural é de tal ordem, que provoca vertigem na nossa capacidade imaginativa que procura captá-la. Embora me pareça possível que a complexidade esteja na nossa imaginação, e não no fenómeno imaginado. Pois essa imaginação opera com modelos como o são supermoléculas de albumina e ácidos ribonucleícos, modelos talvez parcialmente inapropriados. Mas deixarei este problema epistemológico de lado.

O argumento até agora desenvolvido sugere o seguinte resultado: Se quisermos estabelecer uma hierarquia de entes vivos, podemos recorrer a dois critérios (entre outros): o genético e o estrutural. Sob critério genético o vírus da raiva é superior ao homem. Sob critério estrutural o homem parece, à primeira vista, ser superior ao vírus, mas essa superioridade é problematizada por uma situação, na qual o vírus recorre à estrutura humana para as suas "finalidades" superiores. Este resultado é pouco satisfatório, e não apenas de um ponto de vista subjetivo (já que somos homens e não vírus). É pouco satisfatório, porque existem outras situações que demonstram a superioridade do homem em relação ao vírus (por exemplo a situação do combate à raiva). Esta é a razão por que o argumento deve ser continuado.

O comportamento do vírus é altamente estereotipado. Embora a biologia não nos possa dizer, atualmente, quais são as influências exatas que provocam o comportamento do vírus, e se são de ordem química, elétrica ou de outra, a biologia pode afirmar que o comportamento é de alguma maneira prefixado na estrutura do vírus. O vírus reage de forma inteiramente previsível, e a previsão se dá a partir do conhecimento da sua estrutura. É uma estrutura relativamente fechada. O comportamento humano é muito menos previsível. Embora existam, na estrutura humana, impregnações hereditárias que predisõem o homem a certas formas de comportamento, não determinam esse comportamento inteiramente. O homem reage menos "instintivamente" que o vírus. O homem não reage apenas, mas ocasionalmente age. (Embora o termo "ação" seja problemático no contexto da biologia). Falar em ação do vírus sobre o corpo humano é um erro, falar em ação do homem sobre o vírus não é tão radicalmente um erro. A estrutura humana é relativamente aberta.

Podemos, pois, tentar construir uma hierarquia de entes vivos, tendo por critério a relativa abertura das suas estruturas. Um ente vivo será superior a outro, na medida na qual o seu

comportamento será motivado menos por fatores hereditários, e mais por outros fatores. Essa hierarquia nada terá que haver com a complexidade do comportamento. Um comportamento mais motivado por fatores hereditários pode perfeitamente ser mais complexo que um comportamento menos motivado por tais fatores. (Haja visto o comportamento da abelha e o do cavalo). Não sei se a biologia já dispõe de conhecimentos suficientes para estabelecer tal hierarquia. Mas existe a esperança que o homem ocupe um lugar muito alto nessa hierarquia.

A esperança é grande. Porque a comparação entre o homem e seus parentes mais próximos, os primatas, revela uma abertura relativamente grande da estrutura humana. O homem nasce em estado que pode ser considerado fetal do ponto de vista dos primatas. Alcança a perfeição estrutural de um chimpanzé recém nascido, por exemplo, apenas um ano depois de nascido. De forma que sua estrutura, ao nascer, é menos fixa, e adquire a fixação em circunstância social, e não, como o chimpanzé, em circunstância uterina. A motivação do seu comportamento será mais social, e menos hereditária, que a motivação do comportamento chimpanzino. Isto explica, em parte, aquele comportamento tão tipicamente humano, que é a língua, e que é altamente social (convencional), e pouco instintivo. Sob este critério o homem é superior aos primatas.

Mas surge o seguinte problema: por que dizer que os primatas são os parentes mais próximos do homem? O parentesco foi estabelecido sob critério genético (descendência comum), e sob critério estrutural (semelhança de formas). Mas não sob critério de abertura de estruturas. Pode perfeitamente existir um ente vivo muito menos parente do ponto de vista genético e estruturalmente estrutural, mas muito mais próximo quanto ao caráter de sua estrutura. A fantasia desenfreada sugere, por exemplo, os delfins, e uma mais desenfreada ainda, por exemplo, os pólipos gigantes.² Eis um problema a ser resolvido futuramente pela biologia, certamente assistida pela cibernética como disciplina que estuda a relativa abertura de estruturas.

É claro que "abertura de estrutura" tem algo a ver com liberdade. Mas não tanto, quanto pode parecer à primeira vista. Se o comportamento humano é mais aberto que o chimpanzino (e muito mais que o do vírus), o nível da comparação é o da motivação herdada. Mas os motivos herdados são substituídos, no homem, em grande parte por motivos sociais (culturais) que determinam tanto quanto o fazem os motivos da hereditariedade. O homem não é necessariamente mais livre que o chimpanzé, por ser menos instintivo. Se o nazismo é desprezível e nojento, por que-rer reduzir o comportamento humano a fatores herdados, as tentativas de querer explicá-lo com motivos sociais, (como o são o marxismo que recorre a motivos econômicos e políticos, e o jungismo que recorre a motivos psicológicos e arquetípicos), não são necessariamente menos degradantes. Mas este tipo de explicação abre, pelo menos, a possibilidade de um comportamento não motivado,

² Flusser escrevi "os polipos gigantes". Quis provavelmente dizer "os polvos gigantes".

("hiperfuncional", como se diz em biologia), que seria um comportamento livre. Neste sentido são muito mais abertas e inteligentes as duas explicações mencionadas que a explicação cretina do nazismo, que é antibiológica, justamente por recorrer a uma biologia mal dirigida.

O critério de abertura e fechamento de estruturas para o estabelecimento de hierarquias é novo. Evita os excessos da genética (do historicismo), e de um estruturalismo estático e formalista. Possivelmente, o critério abrirá uma nova metodologia, não apenas em biologia, mas em todas as ciências e em todas as disciplinas (por exemplo na estética, onde começa a articular-se poderosamente). E esse critério abrirá, certamente, novos aspectos do problema da liberdade. É o que uma reflexão sobre a doença da raiva sugere.

[Ao apresentar uma conferência on-line nas comemorações do centenário de nascimento de Vilém Flusser, evento organizado pelo Flusser Club (<http://flusser.club/>), um dos participantes indagou se haveria algum texto, no espólio pessoal do pensador, cuja temática pudesse ter alguma ligação com a realidade atual da pandemia. Ora, Flusser escreveu algum material sobre a máscara, mas não sobre a que se impõe diante da situação atual. Seus textos versavam sobre as máscaras de teatro e a sua semelhança com uma fachada. No entanto, há em seu espólio um único texto sobre vírus, que consideramos ser apropriado publicá-lo no presente momento de pandemia do coronavírus.

Trata-se de um artigo intitulado *Da raiva*, escrito por Flusser para o jornal *O Estado de São Paulo*, publicado no número 613, em 8 de fevereiro de 1969, na página 4 do Suplemento Literário (vários idênticos manuscritos digitados deste artigo encontram-se nos Arquivos Flusser, na pasta BOOKS 32_1-COISAS [2332]_COISAS QUE ME CERCAM). Um exemplar deste artigo impresso encontra-se na pasta M3_ESTADO DE SÃO PAULO, contendo o seguinte acréscimo textual manuscrito ao título, feito pelo próprio autor: "Bactérias que provocam doenças". Pese Flusser ter escrito neste acréscimo "bactérias", mas ao longo do artigo publicado ele usa o termo correto de vírus.

O texto original em português foi transcrito por Marc Lenot, a partir da versão salva-guarda nos Arquivos Flusser. A tradução para o alemão foi realizada por Lothar Hartmann (revisão Steffi Winkler), para o inglês por Baruch Gottlieb e para o francês por Marc Lenot.]